Recebido em 04/05/2019. Aceito em 01/08/2019.

AMOR SUPERA CONFLITOS ENTRE FILHOS E MÃES – A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO ISLÃ COMO RELIGIÃO DO ATRITO

LOVE OVERCOMES CONFLICTS BETWEEN CHILDREN AND MOTHERS – THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF ISLAM AS THE RELIGION OF TROUBLE

Daniele dos Santos de Souza[1]

Fernando Zolin–Vesz[2]

Adriana Auxiliadora da Silva[3]

RESUMO: Este artigo analisa a reportagem "Amor supera conflitos entre filhos e mães", publicada na edição n. 9.208, de 14 de maio de 2017, no jornal A Gazeta, a qual veicula três diferentes histórias de conflito entre mães e filhos, com ênfase no relato sobre uma jovem convertida ao Islã. Entende-se que tal reportagem não apenas (re)produz sentidos sobre o amor materno, hábil a diluir contendas, inclusive a conversão da filha a uma religião construída discursivamente como conflituosa, bem como retoma enunciados que constroem discursivamente o Islã como religião do atrito. A (re)produção desses enunciados, que atrelam o Islã ao espaço do embate, parece produzir determinados efeitos de verdade sobre como essa prática religiosa é percebida no Brasil contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Amor materno. Islã. Conflito.

ABSTRACT: This article analyzes the report "Amor supera conflitos entre filhos e mães" (in English, "love overcomes conflicts between children and mothers"), published in the edition n. 9.208, on May 14, 2017, at A Gazeta newspaper. The mentioned material reports three different stories of conflict between mothers and children, emphasizing the report of a young Muslim-converted woman. It is understood that this report not only (re)produces meanings about maternal love, capable of diluting disputes, including the conversion of a daughter to a religion constructed discursively as a troublemaker, but also takes up statements that discursively construct Islam as the religion of conflicts. The (re) production of those statements that link Islam to the space of the clash seems to produce meaningful effects on how this religious practice is perceived in contemporary Brazil.

KEYWORDS: Maternal love. Islam. Conflict.

1 UFMT, Cuiabá-MT, Mestre em Estudos de Linguagem, técnica em assuntos educacionais da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA). E-mail: daniele.souza@outlook.com

2 UFMT, Cuiabá-MT, Doutor em Letras e Linguística, professor do Departamento de Letras e do Programa de Pòs-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL). E-mail: fernando_vesz@hotmail.com

3 UFMT, Cuiabá-MT, Mestre em Estudos de Linguagem, professora da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT). E-mail: profadrianacefapro@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, o segundo domingo de maio é uma data que centraliza discursos acerca da identidade da mulher que assume o papel de mãe, os quais são veiculados nos diferentes espaços de informação e retomam enunciados a fim de definir sentidos para a maternidade. Expressões como "ser mãe é padecer no paraíso" parecem remeter à definição da maternidade atrelada a uma concepção generalizada e naturalizada de que ser mãe é amar de maneira indefectível. Para além de mero sentimento, o amor materno parece ser concebido discursivamente como uma construção ativa, resistente o suficiente para superar as adversidades, como as discordâncias entre mães e filhos, ou ainda as implicações sociais que tais divergências podem ocasionar. Reforça-se a um só tempo o que é um desafio – o padecimento – e o que é ser mãe, aquela cujo amor tudo supera.

Nessa seara, analisamos neste artigo a reportagem "Amor supera conflitos entre filhos e mães", escrita por Ana Flávia Corrêa e publicada em 14 de maio de 2017, Dia das Mães daquele ano, à página 3E do caderno dominical Zine da edição n. 9.208 do jornal A Gazeta, que circula pelo Estado de Mato Grosso. A reportagem enfatiza três histórias que evidenciam o amor materno diante de determinados embates: a identidade de gênero de um homem transgênero, o namoro que atrapalha os estudos da filha e uma jovem que se converte ao Islã. A história que ganha destaque, tanto na manchete estampada na capa da edição do jornal quanto na reportagem em si, por meio da foto de um dos três jovens que reportam suas histórias de prevalência do amor materno, é a da jovem convertida ao Islã. Apesar de a matéria também apresentar a imagem de um homem transgênero, rodeado pela família, tanto na capa quanto na reportagem, o tamanho da foto da jovem muçulmana é maior em ambos os casos. Sendo assim, notamos que tal produção jornalística veicula sentidos não somente sobre o que é ser mãe, mas também retoma e reforça concepções sobre o Islã. Diante da combinação entre a religião islâmica e o conflito, construída discursivamente pela reportagem, buscamos compreender de que maneira tal enlace (re)produz sentidos sobre o Islã como a religião desordeira do mundo contemporâneo.

Portanto, para a análise proposta, lançamos mão dos conceitos foucaultianos de discurso, verdade e poder, de modo a compreender as circunstâncias que permitem e criam condições para a percepção do Islã como uma religião de conflito, produzindo efeitos de verdade e poder sobre tal entidade. Tal estudo do discurso não se centra na análise da materialidade linguística, dado que não constitui o eixo analítico central, pois o conceito de discurso, para Foucault (2008), relaciona-se com a produção de enunciados que contribuem para a construção de determinados sentidos em certo momento sócio-histórico e não está centrado na relação direta com a língua (MAINGUEANEAU, 2015). Assim, buscamos compreender as condições que permitem o surgimento de determinados enunciados em relação a tal religião, e não outros em seu lugar, de modo a correlacionar tal reportagem a determinada formação discursiva (FOUCAULT, 2008). Se, na perspectiva foucaultiana de discurso, o enunciado não se define apenas como um conjunto de signos ou unidades possíveis linguisticamente, como uma frase, por exemplo, mas como uma prática que atribui sentidos a partir de uma regularidade intrínseca, enfatizamos, dessa forma, enunciados da reportagem que buscam construir a compreensão proposta acima (particularmente, a imagem e a manchete constantes na

capa do jornal; a imagem e o título da reportagem; e um excerto da própria reportagem). Como observa Foucault (2012), o regime de verdade é próprio de cada sociedade, a qual permite a circulação de determinados discursos como verdadeiros, além de definir o que distingue os verdadeiros dos falsos. Consideramos que os efeitos de verdade que relacionam o Islã ao conflito, tal qual a reportagem analisada parece veicular, estão corporificadas na linguagem, visto que, ao referir-se ao Islã, há uma recorrência não ao que de fato possa ser, mas ao campo de associações, conotações e significados que circunda tal palavra. Associá-lo à contenda em produção textual sobre o Dia das Mães pode não ser inócuo tampouco insólito, uma vez que invoca uma formação discursiva cujas condições de existência e durabilidade se fortalecem à medida que se legitimam verdades sobre o mesmo.

Em última análise, entendemos que a associação da religião islâmica como uma entidade conflituosa retoma enunciados orientalistas (SAID, 2016) que colocam em movimento o antagonismo do Islã, visto historicamente, no mundo ocidental, como um oposto binário à ortodoxia judaico-cristã (PINTO, 2014; SAID, 2016). Tal construção ganhou novos contornos após os eventos que sucederam o 11 de setembro (DABASHI, 2017). Nesse feitio, por meio deste estudo, buscamos entender de que maneira as práticas linguísticas ainda podem manter colonialidades fundamentadas em oposições binárias como Ocidente/Oriente, conflito/harmonia, opressão/liberdade, e quais os efeitos de verdade ainda produzem na contemporaneidade.

ISLÃ: UMA ALTERIDADE RADICAL CONSTRUÍDA DISCURSIVAMENTE

Comumente construída cultural e politicamente pelas sociedades ocidentais como uma religião de fanáticos radicais, opressores, irracionais e tradicionais, o Islã é constituído como um oposto binário ao que se relaciona ao mundo ocidental, o qual se define como livre, racional, tolerante e moderno (PINTO, 2014). A construção discursiva que o concebe como uma alteridade radical não é algo que irrompe no tempo sem precedentes; antes, uma rede de interesses que é convocada ao discuti-lo, caracterizá-lo, colocá-lo em ação a partir de uma regularidade capaz de dotar de força e durabilidade os enunciados a ele relacionados. Podemos depreender de Said (2016) que a regularidade mencionada se refere ao orientalismo, o qual, no entendimento do autor, permitiu que o Oriente e o que estivesse a ele relacionado, como o Islã, fossem produzidos política, ideológica, militar, sociológica, científica e imaginativamente em oposição ao Ocidente.

Ainda que nas últimas duas décadas, em decorrência do 11 de setembro e demais acontecimentos no Oriente Médio, o Islã tenha aparecido com certa frequência nas produções midiáticas, as condições que permitem que a ele sejam relacionados diferentes tipos de violência se tornam possíveis em decorrência de como tal religião foi construída discursivamente pelo pensamento orientalista dentro de determinado regime de verdade. Para Foucault (2012), é o regime de verdade, o qual é próprio de cada sociedade, quem integra e coloca em funcionamento determinados discursos ou saberes como verdadeiros. Cumpre ressaltar que não é o intuito deste estudo o alcance do que seria de fato verdadeiro ou falso sobre o islã, mas verificar de que maneira foi construído como uma alteridade

radical e os efeitos de sentido mobilizados e percebidos na reportagem aqui analisada. Em outras palavras, não se trata da discussão se a religião islâmica é ou não opressora com as mulheres, pois, em uma perspectiva que ultrapassa o pensamento binário do bem e do mal, entendemos que visões de mundo estruturadas em dicotomias são capazes de relegar as pluralidades tanto do Ocidente quanto do Oriente. Este não é só opressor, aquele não é só livre, há questões complexas que já não podem ser ignoradas na contemporaneidade.

O pensamento orientalista concentra-se em um teor essencialista e que torna homogêneo o oriental, como se houvesse apenas uma cultura, um fenótipo, uma religião e uma visão de mundo, de maneira a contrastá-lo de forma tão distinta do ocidental que as similaridades parecem não existir (PINTO, 2014; SAID, 2016; SOUZA; ZOLIN-VESZ, 2018). A essencialização ocorre também com o Islã, que é retratado, por meio de generalizações, como uma doutrina que preconiza o fanatismo e a violência. A esse respeito, Demant (2015) argumenta que a religião islâmica não predispõe seus seguidores ao fanatismo e à violência, o que suscita o seguinte questionamento: por quais razões os muçulmanos são apresentados nos discursos midiáticos como terroristas e perigosos? Para o autor, as mídias veiculam o que é comercialmente rentável para suas empresas, muitas vezes sem a preocupação a respeito dos sentidos provocados por tal veiculação. Há a dispersão de notícias que mostram muçulmanos envolvidos em ataques terroristas, sequestros, situações de opressão contra mulheres, mas, por outro lado, não se observa, de acordo com Demant (2015), a difusão de matérias jornalísticas que publiquem na mesma intensidade a construção e inauguração de uma mesquita, por exemplo. Portanto, ao veicular algumas "verdades" sobre o Islã, outras são relegadas a um espaço de menor circulação no mundo ocidental, o que explica o fato de ainda hoje a religião muçulmana ser tão pouco conhecida em sua diversidade de práticas, vivências, formas de interpretá-la ou ainda em sua pluralidade geográfica, étnica e cultural (PINTO, 2014). Além disso, sendo o Islã desenhado como uma alteridade radical e oposta à ortodoxia judaico-cristã, a dispersão de enunciados que o constroem discursivamente também produz sentidos sobre a religiosidade cristã ocidental. Ao indicar a religião islâmica como intolerante e violenta, o seu polo oposto é indicado como tolerante e pacífico. No entanto, conforme destaca Demant (2015), religiões, como o Cristianismo, não foram menos envolvidas em situação de violência e intolerância. Por exemplo, a inquisição é relembrada por Pinto (2014) como um ponto frequentemente esquecido na narrativa sobre o Ocidente.

Analisar as condições as quais permitiram, na contemporaneidade, que o Islã fosse construído como uma instituição correlata ao fanatismo, ao terrorismo e avessa à modernidade ocidental perpassa pelo entendimento de como e por quem tal entidade foi representada. Na tessitura de Said (2016), entende-se que o orientalismo permitiu que o Oriente fosse representado (e dominado) pelo Ocidente, visto que, ao fazer circular determinadas verdades, foi possível manejar, teorizar, representar e dominar o mundo oriental. O autor justifica o medo europeu em relação ao muçulmano ao situá-lo historicamente na grande expansão da hegemonia militar, cultural e religiosa do Islã em 632, após a morte de Maomé. Os exércitos muçulmanos ocuparam a Pérsia, a Síria, o Egito, a Turquia e

a África do Norte, conquistando também, no século VIII, a Península Ibérica, além de estender seu domínio até a Índia, a Indonésia e a China, por volta dos séculos XII e XIV. Para a Europa cristã, o Islã simbolizava um trauma marcado pelo terror, pela barbárie, o oposto extremo do próprio Cristianismo. A compreensão de que o Islã e o Cristianismo ocupam polos opostos, sem similitudes, é exemplificada por Said (2016) pela maneira análoga com que Maomé foi descrito pelos pensadores cristãos: supunha-se que Maomé seria a base do credo muçulmano assim como Cristo era o alicerce do Cristianismo. Segundo o autor, é a partir desse equívoco que emergem os enunciados que apontam Maomé como impostor, o disseminador de uma falsa Revelação, um apóstata e herege.

O temor ocidental também se fortaleceu e ressurgiu com força pós-11 de setembro de 2001, quando os Estados Unidos sofreram ataques em seu território. Conforme Foucault (2012), os acontecimentos discursivos estão abertos à repetição, à transformação, à reativação e estão interligados àqueles que os antecedem. A Guerra ao Terror, declarada pelo presidente norte-americano George W. Bush, após a queda das Torres Gêmeas, produzia sentidos que atingiam também as representações sobre o Oriente: antes longínquo e inerte, os sucessivos ataques ao território dos Estados Unidos e a alguns países da Europa mostraram que a direção das armas poderia ser alterada (DABASHI, 2017). Em relação ao Brasil, mesmo após quase duas décadas desde a queda das Torres Gêmeas, ainda há relatos de hostilidade sofridos por muçulmanos (SOUZA; ZOLIN-VESZ, 2018), decorrente da ótica orientalista sobre o Islã reforçada pelo 11 de setembro.

QUANDO O AMOR SUPERA CONFLITOS ENTRE FILHOS E MÃES...

Nesta seção, analisamos imagens e excertos da reportagem "Amor supera conflitos entre filhos e mães", apresentados na ordem em que estão distribuídos no jornal A Gazeta, de 14 de maio de 2017 – em particular, a imagem e a manchete constantes na capa do jornal, a imagem e o título da reportagem, e um excerto da própria reportagem.

A capa de um jornal é o primeiro item com o qual o leitor tem contato. Conforme Lima e di Fanti (2010), os fatos presentes na capa são, via de regra, aqueles que costumam ocupar espaço privilegiado nas páginas internas, além de corresponderem a um apelo principalmente mercadológico: os fatos ali estampados precisam atender ao interesse do maior número de pessoas para, assim, o jornal se tornar atrativo o suficiente para ser comercializado. Posto isso, examinemos a Figura 1 que estampa o primeiro momento em que a reportagem aqui selecionada é apresentada ao leitor na capa do jornal.


A GAZETA

1990 26 ANOS CREDIBILIDADE

CUIABÁ E VÁRZEA GRANDE: R$ 3,50 · INTERIOR: R$ 4,00 CADERNO A - CUIABÁ, DOMINGO, 14 DE MAIO DE 2017 ANO 27 · Nº 9.208

LONGA ESPERA

Mães no desejo e em sonhos

Mulheres travam verdadeiras lutas, contra o tempo, contra o corpo, para poder carregar nos braços os filhos. Aline, Sandra, Daniela e Suzana têm isso em comum. Elas querem ser mães, mas por motivos diferentes, ainda não conseguiram. PÁGINA 1B

ZINE

Amor supera os conflitos

Três jovens com histórias bem diferentes falam de seus relacionamentos e dificuldades no convívio com suas mães e contam como superam as diferenças. PÁGINA 3E

TRABALHO E MATERNIDADE

Mudanças nas leis afetam direitos delas

Um dos principais pontos apresentados na reforma da Previdência é a criação de uma aposentadoria mista, que unirá 2 modelos distintos atualmente, a por tempo de contribuição e a por idade. PÁGINA 1C

Figura 1 Topo da capa do jornal A Gazeta, de 14/5/2017

O recorte acima evidencia a manchete "Amor supera os conflitos", ilustrada por meio da foto de uma jovem mulher trajando um véu vermelho, conhecido como hijab ou véu islâmico. A combinação da foto com o recurso visual da própria manchete contribui para evidenciar o destaque que a história de conflito entre a mãe e a filha convertida ao Islã recebe, uma vez que a figura de um jovem ladeado por dois adultos surge logo abaixo em tamanho menor. Portanto, o destaque à reportagem "Amor supera os conflitos" parece evidente, bem como os personagens que a compõem, tendo em vista a posição ocupada na capa do jornal: no topo, centralizada, ao lado de outras duas reportagens e imagens nas quais não é possível individualizar as pessoas, cujos rostos não estão totalmente visíveis. A reportagem integra o caderno dominical Zine, o qual também aparece escrito na cor vermelha. A eleição da cor vermelha pode ser entendida tanto relacionada ao emprego do vocábulo "amor", que abre o título da reportagem, quanto ao efeito de busca por singularidade entre os vários elementos visuais que compõem o todo da página, pois, como observam Lima e di Fanti (2010), constitui um matiz de cor que pode realçar e chamar a atenção do leitor. Tal eleição parece-nos produzir, portanto, um efeito de unidade e, principalmente, de relevância da referida matéria frente às demais que a acompanham. Por esse ângulo, importante notar também o texto que compõe a manchete:

Excerto 1

Amor supera os conflitos

Três jovens com histórias bem diferentes falam de seus relacionamentos e dificuldades no convívio com suas mães e contam como superam as diferenças. (CORRÊA, 2017, p. 3E)

Embora anuncie que se trata de três histórias sobre as dificuldades e a superação das diferenças no relacionamento entre mães e filhos, é a imagem de uma jovem vestindo o véu islâmico que sobressai na capa do jornal, como descrevemos acima. A nosso ver, tal disposição, acompanhada pelo texto, pode contribuir para a (re)produção de determinados efeitos de verdade sobre o Islã, visto que a presença do véu parece ser determinante para a associação com o Islã. O emprego de vocábulos, como "conflitos", "dificuldades" e "diferenças", associados à imagem de uma mulher trajando o hijab, coopera para retomar enunciados orientalistas (SAID, 2016) que constroem o Islã como a religião do conflito. Como não são inéditos, como descrevemos na seção anterior, podem, portanto, ser mais facilmente apreendidos pelo leitor, particularmente no que se refere à associação da religião islâmica com uma alteridade radical, o que se exprime, por exemplo, nas vestimentas femininas tidas como avessas à modernidade do Ocidente (SAID, 2016). Assim, a relação entre conflito e Islã parece se consolidar já na capa do jornal. Tal relação parece ser ampliada na reportagem, constante no caderno dominical Zine daquela edição do jornal A Gazeta.


3E - VIDA

Cuiabá, Domingo, 14 de Maio de 2017

A Gazet

ZINE

Amor supera conflitos entre filhos e mães

TRÊS JOVENS COM HISTÓRIAS BEM DIFERENTES FALAM DE SEUS RELACIONAMENTOS E DIFICULDADES EM FAMÍLIA

Fiama Bamberg se converteu ao islamismo e temi contar à mãe, qu apoiou a filha integralmente

Figura 2 Topo da reportagem

A reportagem estampa novamente a foto da jovem muçulmana, em tamanho ampliado em comparação com a imagem constante na capa, uma vez mais ilustrando o título e o subtítulo da reportagem que evidenciam histórias de conflito (e superação) no relacionamento entre mães e filhos. Dessa vez, entretanto, a fotografia da jovem é acompanhada pela legenda "Fiama Bamberg se converteu ao islamismo e temia contar à mãe, que apoiou a filha integralmente", o que nos parece enfatizar a relação de conflito destacado pela reportagem. A conversão ao Islã em um país cultural e religiosamente construído como cristão é evidenciada pela reportagem como algo conflituoso, capaz de interferir na relação entre mães e filhos ao ponto de a filha temer algum tipo de

represália ou afastamento da mãe. Badinter (1985) aponta de que maneira a figura materna é construída no pensamento ocidental ao longo dos séculos, de modo a se tornar, especialmente após o século XVIII, aquela cuja competência é formar, dentro do seio familiar, o que se considerava um bom cristão. O temor da jovem parece retomar de maneira múltipla as práticas discursivas que constroem o papel materno, visto que tal temor referencia a necessidade do aval daquela cujo papel é produzido historicamente como responsável pela formação do bom cristão. Além disso, o temor relaciona-se a uma possível irregularidade (de um bom cristão) que parece ser a conversão a uma religião supostamente tão diferente da doutrina religiosa ocidental. O apoio integral da mãe, conforme relatado na legenda da foto, é destacado como uma autorização, a superação de um conflito que só se consuma por meio do amor materno – e não do entendimento de que tal denominação religiosa pode não ser sinônimo de contenda, concretizado pelos construtos orientalistas sobre o Islã.

O destaque dado à história da jovem muçulmana, portanto, coloca em embate os diferentes sentidos atribuídos pela reportagem à palavra "conflito": dentre três histórias que relatam situações conflituosas, é a figura de uma mulher trajando o véu islâmico que ocupa uma posição privilegiada e de apelo comercial desde a capa do jornal. A conversão voluntária de uma mulher jovem ao Islã parece colocar em embate sentidos que relacionam o uso do véu à submissão, em oposição à liberdade feminina, algo tão caro à civilização ocidental. O uso do véu por mulheres muçulmanas, principalmente após o 11 de setembro, ganhou "um reforço simbólico no sentido de metonímia máxima e incontestável de opressão" (BASTOS, 2016, p. 27). Para Abu-Lughod (2012), a mobilização da figura feminina muçulmana está intimamente relacionada à retórica do salvamento: a mulher muçulmana se tornou aquela que precisava ser salva, pela sociedade ocidental, de homens árabe-muçulmanos apontados como inimigos da liberdade. Desse modo, sendo o Islã o espaço da opressão e da submissão, é cognoscível o destaque da reportagem à história jovem muçulmana (em comparação com as demais personagens), bem como a apresentação de sua conversão como uma "história bem diferente" associada a "dificuldades em família", já que, ainda que tenha se convertido voluntariamente, não parece ser conciliável a possibilidade de uma mulher opcionalmente resignar-se a um espaço construído discursivamente como opressor.

Contudo, a conversão da jovem muçulmana pode ser percebida como um ato de rebeldia, observada pela reportagem desde a adolescência de Fiama Bamberg, contra a qual somente algo maior pode redimir tamanha insubordinação à norma vigente – o amor materno.

Excerto 2

> A filha costumava fugir das aulas monótonas para acompanhar o ensaio de uma banda de garagem e adorava trocar a cor do cabelo, cada dia com uma pigmentação diferente. Nessa época, a estudante também começou a fumar e as brigas só se intensificaram. "Os principais conflitos que eu tive com minha mãe foram por não ouvi-la na adolescência. Eu sempre ouvia mais os amigos do que ela", explicou. Foi em 2014, no entanto, que Fiama conheceu seu atual noivo, responsável por apresentá-la ao Islam. Quando pensou em contar para a mãe sobre a nova religião, não imaginou que a reação seria positiva. "Eu morri de medo achando que ela ficaria

> chateada, mas foi totalmente o contrário. Ela veio para a Mesquita, quis conhecer e conversar com todo mundo. Hoje as pessoas adoram quando ela vem e ela também adora vir me visitar", afirmou. (CORRÊA, 2017, p. 3E)

Diante do relato de indisciplina e de conflitos durante a adolescência, a conversão ao Islã é apresentada como mais um momento de tensão na relação entre mãe e filha: "eu morri de medo achando que ela ficaria chateada...". Assim, a recente mudança de prática religiosa é colocada como uma dissidência que causa temor a uma jovem que, de acordo com a reportagem, já experimentara outras situações de dissensão com a mãe. Entretanto, exacerbada agora quando a jovem opta facultativamente por uma religião construída discursivamente no Ocidente como conflituosa. Tornar-se adepta ao Islã é uma conversão apresentada de maneira diferente dos relatos comumente veiculados sobre mudanças religiosas: se, muitas vezes, vemos relatos em que pessoas dizem ter suas vidas transformadas após se vincularem a determinada doutrina, o mesmo não parece ocorrer na reportagem analisada em que há uma centralização no entendimento do Islã como uma alteridade que causa receio até mesmo no momento de anunciar a conversão no núcleo familiar.

Contudo, o temor da recém-convertida é mitigado pelo amor materno, aquele que tudo supera, inclusive as escolhas individuais dos filhos, ainda que tais eleições sejam díspares do que se considera padrão. O medo de ter sua seleção repugnada é substituído pela surpresa ao perceber que a mãe não apenas visita a mesquita como também se apresenta disposta a conhecer as pessoas que participam da vida religiosa da filha, elementos que solidificam o enunciado que é título da matéria: o amor materno é capaz de superar os conflitos. O encerramento da história da jovem muçulmana consolida, dessa forma, o devotamento e o padecimento para que alguém seja considerado uma boa mãe (BADINTER, 1985), pois, apesar das dissidências na adolescência e da conversão ao Islã, o amor materno suplanta qualquer tipo de atrito que possa ocorrer na relação entre mães e filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos a reportagem "Amor supera conflitos entre filhos e mães", publicada na edição n. 9.208, de 14 de maio de 2017, em um dos cadernos dominicais do jornal A Gazeta, no Dia das Mães daquele ano. A reportagem narra conflitos e dificuldades no relacionamento de três jovens com suas respectivas mães, com ênfase na figura de uma jovem convertida ao Islã cujo relato é apresentado como mais uma possível desavença na relação com a mãe – no caso da jovem, das muitas observadas desde a adolescência –, mas superada pelo amor materno. Tal conversão sugere a produção, a um só tempo, de sentidos sobre o amor materno, aquele que tudo supera, e sobre o Islã, a religião do atrito, dos "conflitos", "dificuldades" e "diferenças", conforme apresentado já na manchete da reportagem na capa do jornal A Gazeta.

Para a compreensão das condições que permitem que o Islã seja construído como uma religião conflituosa, propomos como referencial teórico as relações que o produzem como uma alteridade radical (SAID, 2016). Ainda que o amor materno seja apresentado como diluidor de conflitos, ou como aquele que tudo supera em prol do bom relacionamento familiar, percebemos que tal concepção corrobora para que o Islã seja

retomado como uma entidade de contenda. A conversão voluntária da jovem pode ser associada tanto à aceitação à submissão feminina supostamente reservada às mulheres muçulmanas quanto à subversão – registrada desde a adolescência da jovem –, ao converter-se a uma religião construída discursivamente como radical. O amor materno supera todo e qualquer conflito, mesmo quando uma filha, rebelde desde a adolescência, decide converter-se ao Islã. Afinal, como apresentamos ainda na introdução, ser mãe é padecer no paraíso.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, p. 451-470, 2012.

BADINTER, E. *Um amor conquistado*: o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASTOS, L. M. P. C. *Fetiche neo-orientalista*: o problema da autorrepresentação do subalterno e as autobiografias de mulheres muçulmanas. Goiânia: Editora da UFG, 2016.

CORRÊA, A. F. Amor supera conflitos entre filhos e mães. *A Gazeta*, Cuiabá, 14 maio 2017, Zine, p. 3E.

DABASHI, H. *Post-orientalism*: knowledge and power in a time of terror. Nova York: Routledge, 2017.

DEMANT, P. *O mundo muçulmano*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

LIMA, E.; DI FANTI, M. G. Tensionamento de vozes na primeira página do jornal: o episódio Aracruz na capa de Zero Hora. *Gragoatá,* v. 15, n. 28, p. 175-192, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

PINTO, P. G. H. R. *Islã: religião e civilização*: uma abordagem antropológica. Aparecida: Santuário, 2014.

SAID, E. W. *Orientalismo:* o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SOUZA, D. S.; ZOLIN-VESZ, F. Da hospitalidade à intolerância ao migrante árabe: construções discursivas sobre um mesmo Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 2, p. 877-893, 2018.